

A VARIAÇÃO ENTRE *NÓS* E A *GENTE*: UMA COMPARAÇÃO ENTRE O PORTUGUÊS EUROPEU E O PORTUGUÊS BRASILEIRO

THE VARIATION BETWEEN NÓS AND A GENTE (WE): COMPARING EUROPEAN AND BRAZILIAN PORTUGUESE

Juliana Barbosa de Segadas Vianna

Pós-doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro/bolsista do CNPq

Célia Regina dos Santos Lopes

Universidade Federal do Rio de Janeiro/pesquisadora do CNPq

RESUMO

A substituição de *nós* por *a gente* tem sido amplamente estudada no português do Brasil (doravante PB), por diversos autores (OMENA, 1986, 1996, 2003; LOPES, 1993; SEARA, 2000; FERNANDES, 1997, 2004; LAUREANO, 2003; ZILLES, 2005, 2007; TAMANINE, 2010; entre outros), que indicam o estágio avançado desse processo de mudança, sobretudo na língua oral. Todavia, com relação ao português europeu (daqui por diante PE), a pesquisa científica tem sido pouco produtiva e pouco se podia afirmar sobre tal variação em terras lusas. Adotando-se orientação teórico-metodológica da Sociolinguística laboviana (LABOV, 1994), em Vianna (2011), foram utilizadas amostras de fala espontânea referentes às duas variedades do português. Os resultados de tal investigação indicam que a variação entre as formas de primeira pessoa do plural no PE, embora apresente semelhanças com o que se observa para o fenômeno no PB, é fundamentalmente determinada por fatores sociais e não caracteriza um processo de mudança em curso.

Palavras-chave: mudança linguística; pronomes; variação linguística.

ABSTRACT

The substitution of “*nós*” for “*a gente*” have been extensively studied in Portuguese of Brazil, by several authors (OMENA, 1986, 1996, 2003; LOPES, 1993; SEARA, 2000; FERNANDES, 1997, 2004; LAUREANO, 2003; ZILLES, 2005, 2007; TAMANINE, 2010; among others), indicating the advanced stage of this process of change, especially in spoken language. However, with respect to European Portuguese, scientific research has been unproductive and anything could be said about such a change in Portugal.

Adopting theoretical and methodological orientation of the sociolinguistics (LABOV, 1994) in Vianna (2011), we used samples of spontaneous speech at the two varieties of Portuguese. The results of this investigation indicate that the variation between the forms of first person plural in the European Portuguese is fundamentally determined by social factors, but it isn't a process of change.

Keywords: language change; linguistic variation; pronouns.

INTRODUÇÃO

Em função da pouca tradição que os estudos sociolinguísticos gozam em Portugal¹ até bem pouco tempo era insuficiente o que se sabia acerca da variação entre *nós* e *a gente* no PE. Embora as monografias dialetais produzidas tanto no continente, quanto nas áreas insulares da Madeira e dos Açores, desde muito cedo registrassem a existência do *a gente* pronominal (BUESCU, 1961; MOURA, 1960; MEDEIROS, 1964; CRUZ, 1969; NUNES, 1965; FARIA, 1997; entre outros), não havia descrições sociolinguísticas para o fenômeno variável².

Tendo em vista essa lacuna na pesquisa científica, em que a variação entre as formas de primeira pessoa do plural ainda se mantinha pouquíssimo investigada, foram utilizadas amostras de fala organizadas pelo Projeto bilateral “*Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias*”, de acordo com o arcabouço metodológico da Sociolinguística laboviana. Tais corpora incluem entrevistas coletadas em dois pontos na Grande Lisboa (Oeiras e Cacém). Posteriormente, novos inquéritos foram realizados na cidade do Funchal (capital da Madeira) e passaram a fazer parte da base de dados do Projeto, como sendo representativos da porção insular da nação portuguesa.

¹ A pouca tradição de tais estudos em Portugal acarreta alguns grandes entraves para que se desenvolvam pesquisas de cunho sociolinguístico. Um desses obstáculos é a não-existência de corpora adequados que focalizem informantes do PE. A maior parte do material desenvolvido em Portugal é constituída por entrevistas de curta duração, produzidas para pesquisas com fins dialetológicos.

² O trabalho de Lopes (1999, 2003) foi a única descrição localizada levando-se em conta os parâmetros da sociolinguística e dados de língua oral do PE e do PB, simultaneamente. Há, contudo, limites nas conclusões da autora, já que não havia o equilíbrio perfeito entre as amostras das variedades brasileira e europeia.

1. O que se sabe sobre a variação *nós* e *a gente* no PB?

O ponto de partida da investigação foi o conhecimento prévio que já se tinha sobre o fenômeno no PB. Em linhas gerais, pode-se afirmar com base em ampla produção científica, em diferentes regiões do país:

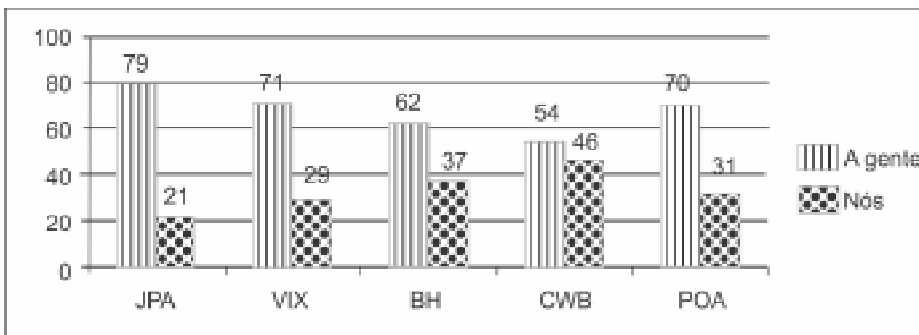
- (1) Entre os grupos de fatores linguísticos que se mostram pertinentes em praticamente todas as investigações, podem-se elencar, em ordem de importância: (i) *o paralelismo formal e discursivo*; (ii) *traço semântico de [+indeterminação] do referente*; (iii) *tempo verbal*; e (iv) *saliência fônica*.
- (2) Entre os grupos de fatores sociais que normalmente são relevantes para o fenômeno, podem-se citar, em ordem de recorrência: (v) *faixa etária*, (vi) *gênero/sexo*; (vii) *escolaridade*; e (viii) *localidade*.

Quando se analisam amostras da fala em sua totalidade, é possível observar comportamentos semelhantes nas capitais, com relação ao uso de *a gente*: em todas elas, o pronome inovador suplanta o uso da forma mais antiga *nós*. No entanto, há diferenças quando se observa a distribuição geral das formas em cada cidade: aparentemente o processo de substituição de *nós* por *a gente* está mais avançado em umas cidades do que em outras. Por exemplo, em João Pessoa (JPA) observou-se a maior produtividade da forma *a gente*: 79% das ocorrências, contra 21% de uso de *nós* (Amostra VALPB).

Dentro da região Sudeste, também há diferenças entre as capitais. Aparentemente, Belo Horizonte (BH) tem comportamento mais conservador do que observado em Vitória (VIX) – respectivamente, 62% e 71%. Talvez o fato de estar mais isolada, distante do mar, responda pela menor produtividade da forma inovadora no dialeto mineiro.

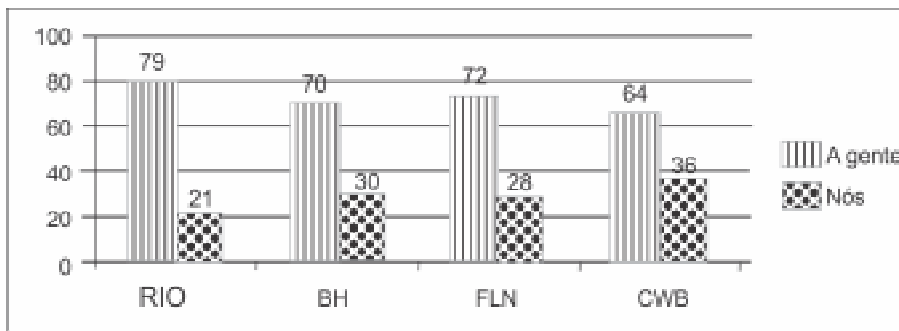
Por sua vez, há semelhança entre os resultados obtidos em Vitória (71%) e a distribuição verificada em Porto Alegre (POA), com 70% de uso da forma inovadora. Diferentemente, a cidade de Curitiba (CWB) mostra-se a mais conservadora de todas as capitais observadas, exibindo os índices mais baixos de uso de *a gente* (54%).

GRÁFICO 1: a distribuição de *nós* e *a gente* em capitais brasileiras entre falantes cultos e não-cultos. Fontes: Fernandes (2004), Mendonça (2010), Rocha (2009), Tamanine (2010) e Zilles (2002).



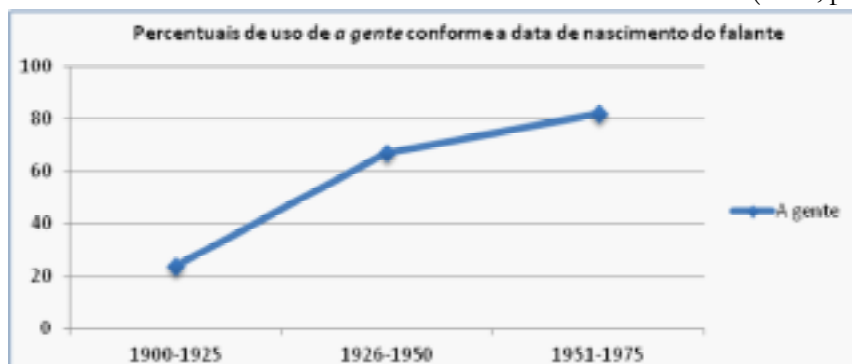
Tendo em vista apenas o comportamento de falantes com menor grau de escolaridade, é possível observar resultados semelhantes nas diversas capitais. A produtividade de *a gente* no Rio de Janeiro (RIO) é da ordem de 79%, de maneira semelhante ao que se observa em Belo Horizonte (BH) – 70% – e Florianópolis (FLN) – 72%. A cidade de Curitiba (CWB), novamente, mostrou-se a mais conservadora, apresentando os menores índices de emprego de *a gente* (64%).

GRÁFICO 2: a distribuição de *nós* e *a gente* em capitais brasileiras entre falantes não-cultos. Fontes: Omena (2003), Maia (2003), Seara (2000) e Borba (1993).



No que se refere aos fatores sociais que respondem pela substituição de *nós* por *a gente* no PB, destaca-se a relevada importância do fator faixa etária. Tal fator é apontado como significativo em praticamente todas as investigações citadas. Em função disso, também fica caracterizada a tendência de mudança linguística no PB. Abaixo, os resultados apresentados em Zilles (2007) ilustram o mesmo que muitas outras investigações com base no PB apontam: com o passar dos anos, nas sucessivas gerações, o grupo etário dos jovens tende a aumentar as taxas de emprego do pronome inovador em detrimento da forma mais antiga. A análise das taxas de emprego de *a gente*, conforme o ano de nascimento do falante ilustra esse postulado, como visto no gráfico abaixo:

GRÁFICO 3: dados do NURC e VARSUL de POA. Fonte: Zilles (2007, p.36).



2. Fatores selecionados no PE

Entre os grupos de fatores linguísticos controlados, três foram apontados como relevantes na variação entre *nós* e *a gente* para o PE, na seguinte ordem: (1º) pessoa verbal; (2º) preenchimento do pronome sujeito; e (3º) paralelismo formal e semântico. Entre os fatores sociais, quatro destacaram-se como influentes na alternância das formas de 1ª pessoa do plural, a saber: (4º) localidade; (5º) escolaridade; (6º) gênero; e (7º) faixa etária. Tendo em vista tal resultado, ilustrado no quadro 1, pode-se dizer que chama atenção a elevada importância do encaixamento social para o fenômeno variável no PE, principalmente se tivermos em perspectiva que todos os fatores não-estruturais foram selecionados, como será mais bem discutido no decorrer do artigo.

QUADRO 1: fatores selecionados no PE com base nas amostras vistas em conjunto.

QUADRO 1 - Fatores selecionados no PE	
1°	PESSOA VERBAL
2°	PREENCHIMENTO DO SUJEITO
3°	PARALELISMO FORMAL
4°	LOCALIDADE
5°	ESCOLARIDADE
6°	GÊNERO
7°	FAIXA ETÁRIA

2.1 A pessoa verbal

O primeiro grupo de fatores selecionado diz respeito à concordância verbal estabelecida com as formas *nós* e *a gente*. De acordo com os dados da pesquisa, foi possível observar duas possibilidades de concordância com cada uma das formas de referência à primeira pessoa plural, a saber: (i) com verbos na 3ª pessoa do singular (daqui por diante 3ªPS), identificados pela desinência número-pessoal Ø, ou (ii) com formas verbais na 1ª pessoa do plural (doravante 1ªPP), que são aquelas que possuem como desinência número-pessoal a marca **-mos**.

Os exemplos de (1) a (4) ilustram as quatro possibilidades de concordância verbal localizadas na amostra. A tabela 1, mais abaixo, apresenta a frequência e peso relativo de cada fator para aplicação de *a gente*:

- **A gente** + P3

- (1) “...*eu ia com os meus irmãos pra rua... a gente brincava...*” (Amostra Cacém: dado 249, M1A)

- **A gente** + P4

- (2) “... *vamos pra Rio de Mouro de vez em quando e a gente vamos a andar na beira das estradas e encontramos lá...*” (Amostra Cacém: dado 26 – M1B)

- **Nós** + P4

- (3) “...*preparo o que está para preparar e Ø jantamos...*” (Amostra Oeiras: dado 100, M2C)

- **Nós + P3**

- (4) “...é que que *nós nos nos conhecemos todos e O trocamos números e agora O fala-se e isso...*” (Amostra Funchal: dado 407, M2A)

TABELA 1: a influência do fator concordância verbal no uso de *a gente*. Amostras do PE reunidas. Valor de aplicação: *a gente*.

CONCORDÂNCIA VERBAL NO PE			
<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total</i>	<i>%</i>	<i>PR</i>
P3	292/294	99	0.99
P4	63/1719	3	0.25

De acordo com a tabela 1, é preferencial o uso de *a gente* com verbo na 3ªPS (99%), havendo apenas 1% de ocorrências com verbos na 1ªPP. Os pesos relativos obtidos confirmam os resultados percentuais, mostrando que a morfologia verbal de 1ªPP inibe a variação (0.25): são raros os casos em que *a gente* se combina com formas verbais na 1ªPP (63/1719). Os valores referentes à 3ªPS mostram-se altamente favorecedores ao uso de *a gente* (0.99), indicando que a ausência de marcas morfológicas de pessoa favorecem o uso dessa variante.

Em todo o caso, foi interessante observar mais detidamente os exemplo da combinação de *a gente* com formas verbais em P4, que – embora seja pouco frequente – parece mais comum no PE do que se observa no PB, como será visto mais adiante. Os exemplos abaixo ilustram alguns dos 63 casos localizados na amostra do PE:

- (5) “... onde eu estou por exemplo acontece muito isso **a gente temos** pessoas mais do Norte (*também se vê*) muito...” (Amostra Cacém: dado 234, F1A)
- (6) “...nem pensar agora (pegar)/é sempre dispendioso... **a gente** quanto mais perto **vivemos** do trabalho melhor mas...” (Amostra Cacém: dado 571, M1C)
- (7) “... e eles vão brincar até quando quiserem e eu vou-lhes dar isto... e **a gente temos** que tar a levar com isso não é? possa no meu tempo se eu dissesse isso a minha mãe levava uma lambada... não é?” (Amostra Cacém: dado 615, F3B)

Com relação à concordância de *nós* com formas verbais em P3, só foram localizados dois exemplos desse tipo de estrutura, demonstrando que tal combinação é bastante improvável no PE. Além disso, quando se observam os dados com mais atenção, é possível perceber que a concordância com verbos na 3ª pessoa do singular foi, possivelmente, motivada pelas construções escolhidas pelos falantes. Como se pode ver abaixo, no exemplo (8), há distância entre o pronome sujeito explícito e o verbo e, no exemplo (9), a presença do elemento apositivo ‘pequeno’ pode ter impulsionado a concordância com verbo em P3:

- (8) “...é que que **nós** nos nos conhecemos todos e Ø trocamos números e agora Ø **fala-se** e isso...” (Amostra Funchal: dado 407, M2A)
- (9) “... mas **nós** o pequeno **nuca teve** direito a regalias a nível da CEE...” (Amostra Cacém: dado 349, M2A)

No caso do PE, ainda que não haja a tendência de empobrecimento da morfologia verbal como se verifica no PB, é possível postular a tendência de harmonização de traços entre o verbo e o seu sujeito. Ao que parece, a marca de pessoa Ø é praticamente categórica com *a gente*, quase não ocorrendo com o pronome padrão. No entanto, a marca verbal de 4ª pessoa gramatical (*-mos*), ainda que seja mais associada à forma padrão nas duas variedades, aparentemente tem maior tendência a ocorrer com a forma gramaticalizada no PE.

2.2 A expressão plena ou nula do sujeito

O segundo grupo de fatores selecionado diz respeito às diferentes possibilidades de expressão do sujeito, podendo ser este pleno/preenchido ou nulo/não-preenchido. Por sujeito pleno ou preenchido, entende-se qualquer ocorrência em que as formas *nós* e *a gente* são expressas foneticamente na indicação da 1ª pessoa do plural, independentemente da concordância verbal estabelecida. De maneira oposta, considera-se como expressão nula do sujeito ou não-preenchimento do sujeito as ocorrências em que as formas variantes são indicadas apenas por meio da desinência verbal (*-mos* ou Ø), sem haver a expressão foneticamente realizada do pronome imediatamente antes do verbo.

Tendo em vista os resultados do PE e o controle de grupos de fatores efetuado na presente investigação, era possível antever que, uma vez selecionado o grupo relativo às **desinências verbais**, muito provavelmente os fatores relacionados à **expressão do sujeito** fossem significativos para essa variação.

Analisando as amostras do PE, encontraram-se quatro possibilidades de ocorrência das formas *nós* e *a gente*, como ilustram os exemplos de (10) a (13). A tabela 2 ilustra as frequências e pesos relativos para aplicação de *a gente* nas amostras do PE:

- **Nós** expresso

(10) “...por exemplo...eu vou-lhe dar um exemplo...**nós** estamos numa paragem de autocarro não é? tão pessoas idosas...” (Amostra Cacém: dado 66, M1C)

- **Nós** não-expresso

(11) “...no meu tempo não era assim não era assim \emptyset tínhamos tínhamos os nossos pais educaram-nos **nós** íamos aprender...” (Amostra Oeiras: dado 289, M1C)

- **A gente** expresso

(12) “...isto obviamente é o mesmo que numa família **a gente** tar continuamente a pedir dinheiro para comprar...” (Amostra Oeiras: dado 47, M3B)

- **A gente** não-expresso

(13) “... e *a gente* tem aguentado tudo isso... (sei lá) se \emptyset não terá mais pra aguentar...” (Amostra Cacém: dado 716, F1B)

TABELA 2: a influência do fator expressão plena ou nula do sujeito no uso de *a gente* no PE. Valor de aplicação: *a gente*.

EXPRESSÃO DO SUJEITO			
<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total</i>	<i>%</i>	<i>PR</i>
Pleno	327/680	48	0.90
Nulo	33/1339	2	0.24
TOTAL	360/2019	18	

De acordo com a tabela 2, foram localizados 327 dados de *a gente*, em 680 ocorrências totais de formas explícitas na referência à 1ª pessoa do plural, isto é, 48% do total. Essa produtividade pode ser considerada extremamente alta, principalmente se tiver em conta que, nas amostras do PE, a produtividade geral da forma inovadora é bem reduzida (18%), frente ao uso padrão (82%). Em contrapartida, o uso da forma *a gente* não-expressa é bastante reduzido. Localizaram-se apenas 33 dados da forma gramaticalizada, em 1.339 dados totais de referência implícita às formas de 1ª pessoa do plural: somente 2%. Os exemplos abaixo ilustram esse tipo de ocorrência:

- (14) “...*não que a gente queira mas por...a gente também não sabe quem Ø encontra ...*” (Amostra Cacém: dado 635, M1C)
- (15) “...*a gente fomos se embora Ø vimos ele a meio caminho...*” (Amostra Cacém: dado 282, M1B)

Tais resultados confirmam o comportamento esperado no PE. Em termos probabilísticos, os pesos obtidos reafirmam os resultados percentuais, demonstrando que o *a gente* pronominal tem grande probabilidade de ocorrer pleno (PR 0.90), ao passo que a realização nula desfavorece o seu aparecimento (PR 0.24). A realização nula favorece o emprego de *nós*.

Interessante notar que, embora seja pouco produtivo, localizam-se dados do pronome padrão *nós* expresso nas amostras do PE, como se vê nos exemplos abaixo, (16) e (17):

- (16) “*por exemplo...eu vou-lhe dar um exemplo...nós estamos numa paragem de autocarro não é? tão pessoas idosas...*” (Amostra Cacém: dado 66, H1C)
- (17) “*...os anos têm sido muito complicados porque nós abrimos a empresa e já tá sa...um bocado mais complicado...*” (Amostra Cacém: dado 121, M2B)

2.3 Paralelismo formal

O último fator linguístico selecionado pelo Programa Goldvarb 2000 foi o paralelismo formal e semântico. A hipótese que se relaciona ao

paralelismo formal é a de que o falante tende a repetir uma mesma forma linguística na sequência discursiva (OMENA, 1986, 1996, 2003; LOPES, 1993; etc.). Em outras palavras, tendo em vista a presente investigação, a escolha da primeira forma pronominal condicionaria os usos subsequentes, desencadeando uma série de repetições da mesma forma linguística.

Os trechos exemplificados (18), (19) e (20), abaixo, ilustram os tipos de sequências discursivas controladas nas amostras estudadas:

- (18) Exemplo de primeira referência e manutenção do referente com repetição da mesma forma linguística:

“...transporto-os de um lado pró outro e quando não têm nada ao fim-de-semana normalmente Ø saimos... Ø vamos porque Ø temos... temos um...aqui na aldeia do meco que é próximo de Sesimbra um local... Ø temos lá uma casa Ø ficamos por ali...ou então Ø vamos pra outras zonas do país...” (Amostra Cacém, M3B)

- (19) Exemplo de primeira referência e manutenção do referente com mudança da forma linguística:

“... a gente vai lá no verão... às vezes Ø vai lá na Páscoa... (...)”
(Amostra Cacém, F1C)

- (20) Exemplo de referência isolada:

D1: quantos anos de escolaridade aqui? É eles começam no primeiro e vão até que ano aqui?

L: até ao nono...nono

D1: até ao nono aqui...

L: mais que isso não...até porque a gente ainda não temos condições pra a... pra isso

D1::a entendi então essa é uma escola de ensino fundamental básico... bem básico

L: básica

(Amostra Cacém, M2A)

A tabela 3 ilustra os resultados do fator paralelismo formal para aplicação de *a gente* nas amostras relativas ao PE:

TABELA 3: a influência do fator paralelismo formal no uso de *a gente* no PE. Amostras Oeiras, Cacém e Funchal reunidas. Valor de aplicação: *a gente*.

PARALELISMO FORMAL			
<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total</i>	<i>%</i>	<i>PR</i>
Realização isolada	43/192	22	0.60
Primeiro da série	80/347	23	0.50
Antecedido por <i>a gente</i>	165/244	67	0.88
Antecedido por <i>nós</i>	68/1230	5	0.38

De acordo com os resultados obtidos, verifica-se que, quando o pronome é a *primeira escolha de uma série discursiva* em que há retomadas da referência à 1ª pessoa do plural, localizaram-se 80 dados de *a gente* em 347 ocorrências totais dessa posição, ou seja, 23% de produtividade. Em casos de *uso isolado das formas de 1ª pessoa plural*, por sua vez, foram localizados 43 dados de *a gente* em 192 ocorrências totais, com percentual de 23%.

Em termos do peso de cada fator, é interessante notar que, no PE, a *posição de primeiro da série* tem um valor praticamente neutro para *a gente*, com peso relativo igual a 0.50. Isso significa que tanto pode ocorrer a forma inovadora quanto o pronome padrão como primeira escolha na sequência discursiva, uma vez que o peso relativo é muito próximo de 0.5 para o fator. Todavia, quando se trata de um *uso isolado* da forma de referência à 1ª pessoa do plural, há a probabilidade um pouco maior de emprego de *a gente*, com 0.60 de peso relativo. Tentando entender esse resultado, uma explicação possível seria que a referência isolada aparentemente ocorre quando, na sequência discursiva, há uma mudança de referencial na 4ª pessoa gramatical. Considerando-se que o uso preferencial por excelência, na variedade europeia, é o uso do pronome padrão, é de se esperar que as mudanças de referente tendam a ser efetuadas por outra forma que não esta, ou seja, por meio da forma gramaticalizada *a gente*.

Voltando à tabela 3, também é possível observar que, quando a forma de referência à 1ª pessoa do plural está *antecedida por a gente*, há uma probabilidade muito alta de que o falante utilize o mesmo pronome e opte pela forma gramaticalizada nessa posição: PR 0.88. Foram localizados 165 dados de *a gente* em 244 ocorrências totais. De maneira oposta, quando a forma de referência à 1ª pessoa do plural é *antecedida pelo uso do pronome padrão*, é pouquíssimo provável que se opte pelo uso da forma inovadora: PR 0.38. Nessa situação, apenas foram localizados 68 dados de *a gente*, em um total de 1.230 ocorrências, ou seja, demonstrando que tal ambiente favorece sobremaneira o emprego da forma *nós*.

2.4 A localização geográfica no território português

Como foi mencionado anteriormente, todos os fatores não-estruturais controlados nas amostras do PE foram considerados relevantes na variação entre *nós* e *a gente*. Entre eles, o primeiro que se destaca é a localização geográfica dentro do território português.

Nessa variável, a escolha do pronome sujeito de primeira pessoa do plural foi correlacionada ao local de origem e moradia do indivíduo, posto que seu comportamento linguístico reflita essa realidade. Nesse sentido, efetuaram-se três distinções de acordo com a região do território português representada em cada amostra, a saber: Oeiras, Cacém e Funchal.

As freguesias de Oeiras e do Cacém são ambas pertencentes ao Distrito de Lisboa, sendo que a primeira é praticamente uma continuação da capital devido à sua proximidade, e a segunda localiza-se no entorno desse complexo, ainda que também seja pertencente à Grande Lisboa. Uma vez que as duas regiões estão situadas no continente, considerou-se que as amostras eram relativas ao PE continental, ainda que haja subdivisões.

A cidade do Funchal, por sua vez, é capital da Região Autónoma da Madeira e se localiza na ilha principal: a Ilha da Madeira. Todo esse arquipélago português situa-se no Oceano Atlântico, a oeste da Costa Africana, estando na mesma latitude do Marrocos. Dessa forma, tal região encontra-se mais distante de Lisboa (980 km) do que de outras regiões na qual se falam, inclusive, diferentes línguas. A título de exemplo, podem-se citar a Grã-Canária (400 km), cuja língua é o espanhol, e a Costa Africana (660 km). Tendo em vista a procedência de tal amostra, considerou-se que

esta dizia respeito ao PE insular, ainda que a designação seja, em princípio, generalizante.

Os resultados dessa variável são apresentados na tabela 4, logo abaixo:

TABELA 4: a influência do fator localização geográfica no uso de *a gente*. Amostras do PE reunidas. Valor de aplicação: *a gente*.

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA			
<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total</i>	<i>%</i>	<i>PR</i>
Lisboa/Oeiras	68/787	8	0.25
Cacém	152/691	21	0.58
Funchal	140/541	25	0.75

De acordo com a tabela, é possível observar comportamentos distintos, a depender da localização geográfica da amostra dentro do território português. Em Oeiras, aparentemente a localidade mais conservadora, foram localizadas apenas 68 ocorrências de *a gente* em 787 dados, isto é, só 8% do total de dados. O uso de *nós* é absolutamente majoritário nessa área do Distrito de Lisboa, refletindo provavelmente os usos da capital, com 92% das ocorrências da forma padrão.

Na freguesia do Cacém, por sua vez, ainda que esteja inserido no Distrito de Lisboa, o comportamento é divergente. Tal localidade se mostrou bem menos conservadora do que a vizinha distante Oeiras, com um uso mais significativo da forma inovadora. Localizaram-se 152 dados de *a gente* em 691 ocorrências da 1ª pessoa do plural em posição de sujeito: 21%.

Por fim, a cidade do Funchal mostrou-se a mais inovadora das três localidades, com 25% de produtividade de *a gente* na função de sujeito. Para tal amostra, em 541 dados totais, foram aferidas 140 ocorrências da forma inovadora. A partir da seleção do Programa *Goldvarb*, confirmam-se os percentuais encontrados, referendando a análise feita. Realmente, a capital da Madeira apresenta o comportamento mais inventivo do ponto de vista linguístico, com peso relativo 0.75 para o uso de *a gente*. Em outras palavras, significa dizer que a cidade do Funchal favorece a implementação da forma inovadora, em substituição à forma mais antiga.

De maneira completamente inversa, em Oeiras, é muito mais provável o emprego da forma padrão *nós*. Uma vez que o peso relativo para uso de *a gente* nessa localidade foi indubitavelmente baixo (PR 0.25), há uma tendência de conservação e manutenção de um estágio mais antigo da língua. Na região do Cacém, o comportamento também se diferencia do observado em Oeiras, mostrando-se muito menos avesso às mudanças e inovações linguísticas, ainda que isso ocorra de maneira tímida. Em tal localidade, entretanto, observa-se um sutil favorecimento de *a gente*, em detrimento da forma padrão, com 0.58 de peso relativo.

Tendo em vista os aspectos socioeconômicos e culturais de cada uma das localidades no território português, pode-se começar a entender as diferenças entre o comportamento linguístico observado no continente – aqui representado nas amostras relativas ao Distrito de Lisboa – e o que se observa na região insular da Madeira.

2.5 A escolaridade do falante

Outro fator social que teve destaque na presente investigação refere-se à variável escolaridade. Foram controlados três níveis de escolarização nas amostras do PE: (i) Nível Básico; (ii) Nível Secundário; e (iii) Nível Superior. A tabela 5 sintetiza os resultados aferidos nas amostras do PE, vistas em conjunto:

TABELA 5: A influência do fator escolaridade no uso de *a gente*. Amostras do PE reunidas. Valor de aplicação: *a gente*.

ESCOLARIDADE DO FALANTE			
<i>Fatores</i>	<i>Aplic./Total</i>	<i>%</i>	<i>PR</i>
Nível Básico	259/882	29	0.66
Nível Secundário	62/546	11	0.40
Nível Superior	39/591	6	0.34

De acordo com a tabela, no nível mais baixo de escolaridade (nível básico), foram localizados 259 dados de *a gente* em 882 ocorrências, ou seja, 29% do total. O peso relativo para o fator indica o favorecimento da forma gramaticalizada entre falantes com pouca escolarização: 0.665. No nível de

escolarização intermediário (nível secundário), por sua vez, esse percentual sofre uma considerável redução para 11% apenas. Foram localizados somente 62 dados da forma inovadora, em um universo de 546 ocorrências. Nesse nível, a probabilidade de uso de *a gente* diminui consideravelmente para 0.404, sinalizando a preferência pelo pronome padrão em detrimento da forma mais nova (PR 0.59). No nível mais alto de escolarização (nível superior), no entanto, o percentual de uso de *a gente* chega ao menor índice verificado, passando a escassos 6%. Em um total de 591 ocorrências, somente são localizados 39 dados da forma. Em termos probabilísticos, o uso de *a gente* é bastante desfavorecido entre os falantes licenciados, como indica o peso relativo (0.34) para o fator.

2.6 O gênero

O gênero foi o sexto fator selecionado pelo Programa Goldvarb, sendo o terceiro entre os fatores sociais apontados como relevantes para a variação entre *nós* e *a gente* no PE. Tal variável leva em consideração a possibilidade de existência de usos linguísticos que sejam mais comuns entre o gênero feminino ou entre o gênero masculino, muito embora, nas sociedades ocidentais, essas diferenças tendam a ser sutis. Corroboram para isso inúmeros agentes que se relacionam à evolução das sociedades modernas como, por exemplo, a entrada das mulheres no mercado de trabalho, que antes era um território exclusivamente masculino, e a maior participação dos homens nas tarefas domésticas, que no passado eram reservadas apenas às mulheres. Todavia, inúmeras pesquisas apontam a existência de uma maior sensibilidade, por parte das mulheres, com relação ao status social atribuído pela comunidade às variantes linguísticas.

A tabela 6 sintetiza os resultados da variável gênero na variação entre *nós* e *a gente*, nos dados do PE:

TABELA 6: A frequência de uso de *a gente* no PE, de acordo com o gênero. Amostras do PE. Valor de aplicação: *a gente*.

GÊNERO DO FALANTE			
<i>Fatores</i>	<i>Aplicação/Total</i>	<i>%</i>	<i>PR</i>
Feminino	241/908	26	0.64
Masculino	119/1111	10	0.38

De acordo com os resultados, o uso de *a gente* é mais provável no gênero feminino, havendo peso relativo 0.64 para esse fator. Foram localizados 241 dados da forma inovadora, em 908 ocorrências produzidas pelas mulheres, isto é, 26% do total. Diferentemente, o uso da forma inovadora não é favorecido pelo gênero masculino, já que o peso relativo 0.38 desfavorece o emprego de *a gente*. Entre os homens, de 1111 ocorrências produzidas, apenas 119 são da forma inovadora, ou seja, somente 10% do total.

2.7 A faixa etária do falante

A variável faixa etária tem fundamental importância na investigação do comportamento linguístico de uma comunidade, uma vez que é capaz de evidenciar se um dado fenômeno variável está em processo de mudança ou em variação estável.

Tendo em vista tal fator, foram controladas três faixas etárias nas amostras de língua oral, a saber: (i) de 18 a 35 anos, amostra considerada relativa ao grupo dos jovens; (ii) de 36 a 55 anos, referente ao grupo dos adultos; e (iii) de 56 anos em diante, referente ao grupo de pessoas com idade mais avançada. A tabela 7, a seguir, sintetiza os resultados encontrados na amostra do PE:

TABELA 7: A frequência de uso de *a gente* no PE, de acordo com faixa etária. Amostras do PE. Valor de aplicação: *a gente*.

FAIXA ETÁRIA DO FALANTE			
<i>Fatores</i>	<i>Aplic./Total</i>	<i>%</i>	<i>PR</i>
Faixa 1 (de 18 a 35 anos)	63/543	11	0.43
Faixa 2 (de 35 a 55 anos)	149/886	16	0.40
Faixa 3 (56 anos ou mais)	148/590	25	0.69

De acordo com a tabela 7, é possível observar que os dados do PE, vistos globalmente, não sinalizam mudança na comunidade, no sentido de uma crescente implementação da forma gramaticalizada. Muito ao contrário, o que os dados parecem indicar é a progressiva redução no uso da forma inovadora, quando se têm em vista as faixas etárias.

Entre os jovens e os adultos, a produtividade registrada de *a gente* foi bastante semelhante. No primeiro grupo, que inclui indivíduos de 18 a 35 anos, foram localizados apenas 63 dados, em 543 ocorrências: 11% do total. No segundo, incluindo pessoas de 36 a 55 anos, localizaram-se somente 149 dados, em 886 ocorrências totais: obtendo 16%. Por sua vez, entre os indivíduos mais velhos (aqueles com idades acima de 56 anos), foram encontrados 148 dados de *a gente*, em 590 ocorrências da referência à 1ª pessoa do plural, obtendo-se a maior frequência de uso: 25%.

Quanto aos pesos relativos, confirma-se o que foi observado na análise dos percentuais. Segundo se observa na tabela 7, é muito mais provável que um português mais idoso empregue o *a gente* na fala (PR 0.69), do que o mesmo ocorra entre adultos e jovens (respectivamente, PR 0.40 e PR 0.43). Para esses grupos, há preferência pela forma padrão *nós*.

3. O que se pode afirmar sobre a variação entre *nós* e *a gente* no PE?

Entre os portugueses que compõem a amostra, é a forma padrão '*nós*' que se destaca como a mais produtiva na indicação da primeira pessoa do plural, de maneira inversamente proporcional ao que se observa no PB, tendo em vista os inúmeros trabalhos produzidos nos últimos 25 anos.

A falta de concordância inibe a variação das formas no PE, à semelhança do que ocorre no PB: são raros os casos em que *a gente* se combina com formas verbais na 1ªPP. Todavia, a associação do traço semântico [+EU] intrínseco à forma gramaticalizada e o traço formal [+eu], presente nas formas verbais de 1ªPP, aparentemente caracteriza mais o comportamento da variedade europeia da língua do que da variedade brasileira. As motivações para esse comportamento parecem relacionadas ao papel que o verbo desempenha no PE, sendo o principal responsável pela indicação da pessoa gramatical.

De maneira semelhante ao que se observa no PB, a expressão explícita do sujeito tem maior probabilidade de ocorrer com o *a gente*, ao passo que o apagamento é mais provável com o pronome padrão. O paralelismo formal impulsiona o uso de *a gente* no PE como no PB: o que mais favorece o emprego de *a gente* é o uso de *a gente* na oração anterior.

Tendo em vista os fatores sociais, é possível estabelecer um paralelo entre o uso de *a gente* e a composição sociocultural e econômica das cidades/localidades portuguesas: regiões em que há maior circulação de pessoas, seja em função do turismo por curtos espaços de tempo, seja em função de fluxos migratórios tendem a impulsionar o uso inovador, ao passo que as comunidades mais fechadas, nas quais se observa maior rigidez nas relações interpessoais, favorecem a conservação da forma mais antiga.

Outro resultado interessante refere-se ao fator escolaridade e difere do que a pesquisa empírica aponta em relação à variedade brasileira. No PE, o uso de *a gente* é mais provável entre indivíduos de menor escolaridade, havendo maior ou menor queda de produtividade nos níveis subsequentes. Aparentemente, há estigma com relação à forma inovadora no PE.

Também é mais provável o uso de *a gente* entre as mulheres. Assim sendo, tal grupo assume o papel de liderança na implementação da forma inovadora. Com relação às faixas etárias, por sua vez, o comportamento de *a gente* é completamente diferente na variedade europeia. No PE, o comportamento da comunidade não sugere mudança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comparação entre as variedades brasileira e europeia, no que se refere à variação entre *nós* e *a gente*, aponta semelhanças, especialmente quando se tem em vista a atuação dos fatores linguísticos. Todos os fatores linguísticos selecionados na investigação já foram anteriormente apontados em pesquisas realizadas no PB.

Por outro lado, com relação aos fatores sociais, há grandes diferenças no comportamento das duas variedades. Enquanto no PB há preferência pelo uso inovador entre os jovens, claramente indicando mudança em curso, no PE o comportamento das faixas etárias mais novas é bastante conservador.

Além disso, no que se refere à escolaridade, o PE indica a diminuição do emprego da forma inovadora, à medida que aumenta a escolarização do falante. No PB, por sua vez, isso não ocorre, o que indica não haver estigma associado ao uso da forma no desempenho oral dos falantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORBA, L. R. *Alguns aspectos sobre o uso de “nós” e “a gente” em Curitiba*. Fragmenta, UFPR, n. 10: 65-76, 1993.

BUESCU, M. L. C. *Monsanto, Etnografia e Linguagem*. Publicações do Centro de Estudos Filológicos, Lisboa, 1961.

CRUZ, M. L. S. *O Falar de Odeleite*. Monografia de licenciatura em filologia românica, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1969.

FARIA, O. S. *O Nosso Falar Ilhéu – glossário de termos, provérbios, crenças e outras histórias*. Angra do Heroísmo. Edições BLU, 1997.

FERNANDES, E. A. *Nós e a gente: variação na cidade de João Pessoa*. Dissertação de Mestrado, João Pessoa, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/UFPB, 1997.

_____. Fenômeno variável: *nós e a gente*. In: Estudos Sociolinguísticos: perfil de uma comunidade, 149 - 156. Demerval da Hora (Org.), João Pessoa, 2004.

LAUREANO, D. C. *A variação dos pronomes de primeira pessoa do plural na posição de sujeito: nós e a gente*. Dissertação de Mestrado em Linguística, Florianópolis, Faculdade de Letras, UFSC, 2003.

LOPES, C. R. S. *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, 1993.

_____. *A inserção de a gente no quadro pronominal do português: percurso histórico*. Rio de Janeiro, Tese de Doutorado, Faculdade de Letras/UFRJ, 1999.

_____. *A inserção de a gente no quadro pronominal do português: percurso histórico*. Rio de Janeiro, Tese de Doutorado, Faculdade de Letras/UFRJ, 2003.

MAIA, F. P. S. *A variação ‘nós’/‘a gente’ no dialeto mineiro: investigando a transição*. 01/10/2003. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Belo Horizonte, Faculdade de Letras/UFMG, 2003.

MEDEIROS, M. J. C. *A Linguagem Micaelense em alguns dos seus aspectos*. Monografia de licenciatura em filologia românica, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1964.

MENDONÇA, A. K. *Nós e a gente em Vitória: análise sociolinguística da fala capixaba*. Dissertação de mestrado em Estudos Linguísticos, Vitória, Centro de Ciências Humanas e Naturais/UFES, 2010.

MOURA, C. S. P. *Faia, Aldeia do Concelho de Sernancelhe. Etnografia, Linguagem e Folclore*. Monografia de licenciatura em filologia românica, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1960.

NUNES, J. C. *Os Falares da Calbeta, Arco da Calbeta, Paúl do Mar e Jardim do Mar*. Monografia de licenciatura em filologia românica, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1965.

OMENA, N. P. “*A referência variável da primeira pessoa do discurso no plural*”. In: NARO, A. J. *et alii*: Relatório Final de Pesquisa: Projeto Subsídios do Projeto Censo à Educação, Rio de Janeiro, UFRJ Editora, 2:286 – 319, 1986.

_____. “*A referência à primeira pessoa do discurso no plural*”. In: OLIVEIRA e SILVA, G. M. & SCHERRE, M. M. Padrões sociolinguísticos: estudos de fenômenos variáveis do português falado na cidade do rio de Janeiro, Rio de Janeiro, UFRJ Editora, 183 – 215, 1996.

_____. “A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança?”. In: PAIVA, M. C. & DUARTE, M. E. L. (orgs.) *Mudança linguística em tempo real*, Rio de Janeiro, Contra Capa: 63-80, 2003.

SEARA, I. C. A variação do sujeito *nós* e *a gente* na fala florianopolitana. *Organon*, v. 14, n.28/29, p. 179-194, 2000.

TAMANINE, A. M. B. *Curitiba da gente: um estudo sobre a variação pronominal nós/a gente e a gramaticalização de a gente na cidade de Curitiba* – PR. Tese de doutorado em Letras, Curitiba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/UFPR, 2010.

VIANNA, Juliana Barbosa de Segadas. *Semelhanças e diferenças na implementação de a gente em variedades do português*. Tese de doutorado em Letras Vernáculas, Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras/UFRJ, 2011.

ZILLES, Ana Maria. The development of a new pronoun: The linguistic and social embedding of “*a gente*” in Brazilian Portuguese. In: *Language Variation and Change* 17:19-53. 2005.

_____. *O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente?* Letras de Hoje, V. 42, N. 2, p. 27-44, Porto Alegre. 2007.